Um exemplo visível é a cultura do arroz de sequeiro em Goiás: o aumento do índice de produtividade em torno de 57% não compensou a queda da área plantada de 53%. A produção caiu 25% na década de 90 (de 307 mil para 212 mil toneladas), contribuindo para que o estado perdesse sua importância nesta atividade.

Outra atividade que corre esse risco é a cultura do milho, cuja produção este ano foi altamente comprometida pela queda da área plantada. Desconsiderando a safrinha, Goiás produziu cerca de 1,8 milhão de toneladas em 1998, praticamente a mesma produção de 1990, contando com quase o dobro da produtividade do início da década. No Brasil a queda da produção de milho só não foi mais significativa pela alta produção da safrinha (5 milhões de toneladas), que compensou em parte o déficit da primeira safra.

Com uma área plantada estável e a queda linear do número de produtores nas lavouras de grãos, parece correto, a curto prazo, projetar o aumento da produção de grãos proporcional ao uso de tecnologia por parte dos produtores que conseguirem se manter na atividade.

Um exemplo bastante típico é a produção de feijão em Goiás, que possui três épocas definidas (sequeiro, águas e irrigado de inverno). Embora a produtividade do feijão de sequeiro (primeira safra) e das águas (segunda safra) tenha praticamente dobrado nos últimos oito anos, a produção cresceu apenas 3%; pois no mesmo período a área colhida decresceu em torno de 59% e a produtividade, apesar de crescer, não conseguiu compensar a perda de área.

**Somente de 1990 a 1998 estima-se que entre 15 e 20 mil produtores deixaram a atividade de grãos, ou seja, as grandes lavouras em Goiás, realocando-se em outro ramo da atividade rural ou até mesmo saindo dela.**

Apesar disso, Goiás conseguiu aumentar sua produção de feijão em torno de 51% no mesmo período, pois o uso da tecnologia (irrigação, maior quantidade de fertilizantes e defensivos, colheita mecanizada etc.) na produção de inverno fez com que mais da metade do produto fosse cultivada sob pivô central (em torno de 100 mil toneladas), por um número de produtores 10 vezes menor do que nas duas primeiras épocas (cerca de 702 produtores irrigantes).

Não se pode esquecer, entretanto, que a manutenção destes produtores no uso da tecnologia vem acarretando sempre maiores custos nas lavouras, muitas vezes incompatíveis com a instabilidade dos preços agrícolas.

### *O paradoxo do crédito*

A queda nas vendas de insumos, como os fertilizantes neste ano, mostra que o produtor, aparentemente descapitalizado, ainda depende de recursos de terceiros. Com o nível de endividamento em que vive o setor, o crédito rural continuará imprescindível ao produtor. Parece, no entanto, que estamos caminhando no sentido contrário. Somente em Goiás, a liberação de créditos de custeio e investimento no período de 1990 a 98 caiu cerca de 30% em valores reais; a área financiada, que era de 68% em 1994, caiu para 49% em 1997. Em termos de Brasil, as estatísticas não são melhores.

As grandes distorções do setor produtivo rural passam por elevadas taxas de juros; falta de um seguro à produção, diante da ineficiência do Proagro; nenhuma segurança quanto aos preços – que talvez pudesse ser conseguida através do mercado futuro – e a desoneração por outros custos fora da porteira (impostos, frete etc.).

Algumas questões precisam, portanto, ser repensadas pela sociedade em geral, mas principalmente pelos setores competentes do governo, que tem no aumento da produção de grãos a resposta para todos os problemas da agricultura.

*Adriano V. de Carvalho é engenheiro agrônomo, assessor técnico Faeg/Detec; Pedro Arantes é economista da Faeg e professor de Economia Rural da Faculdade Anhangüera.*

**HOMENAGEM** — **Ruy Miller Paiva**

**EM MEMÓRIA**

# *Uma carreira brilhante*

**Maria José Cyhlar Monteiro**

Em 8 de setembro deste ano faleceu o dr. Ruy Miller Paiva, destacado pioneiro da economia agrícola brasileira e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Economia Rural.

Ruy Miller Paiva nasceu em Jaú, São Paulo, em 15 de novembro de 1914. Em 1935 formou-se engenheiro agrônomo na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e no ano seguinte começava a trabalhar no Instituto Agronômico de Campinas, onde permaneceu até 1941. Obteve o título de Master of Science em economia rural no Agriculture and Mechanical College do Texas (EUA) e em 1962 fez estágio pós-graduado na Universidade de Chicago.

Foi o primeiro diretor da Divisão de Economia Rural da Secretaria de Agricultura de São Paulo, onde trabalhou de 1946 a 1962.

Aposentou-se em 1963 e continuou trabalhando como Consultor técnico de instituições como o Banco Mundial, o Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea), e o Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia da FGV

(entre 1963 e 1968). Foi assessor especial da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Em 25 de outubro de 1988 foi considerado Servidor Emérito do Estado de São Paulo (Decreto nº 29.035).

Ao longo de sua vida, Ruy Miller Paiva participou de diversas instituições científicas e recebeu vários prêmios pela sua contribuição às ciências sociais rurais.

Deixou uma vasta obra, entre livros, artigos, palestras e contribuições para diversas obras coletivas. Em 1966, o Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo listava em sua biblioteca cerca de 130 títulos de sua autoria[1].

AGROANALYSIS presta uma singela homenagem à memória de um dos mais destacados economistas agrícolas brasileiros e que, sem dúvida, exerceu profunda influência sobre todos nós.

[1] *Ver Agricultura em São Paulo*, Revista Científica do IEA, *v. 43, tomo 3, 1996. Este número da revista se constituiu em homenagem a Ruy Miller Paiva e além de publicar artigos sobre sua obra, divulga três textos pioneiros de sua autoria.*

# *Fazendo falta*

*Competência, simpatia e real espírito de parceria no trabalho, ao lado de inquietação sobre os grandes problemas rurais.*

**GLAUCO OLINGER**

Ruy Miller Paiva foi um excelente colaborador do sistema brasileiro de assistência técnica e extensão rural no tempo em que foi coordenador pela Abcar (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural).

Ruy nos orientou sobre a realização de levantamentos e análises de dados para o conhecimento da realidade rural nos municípios trabalhados pelos agentes de extensão. Com extrema competência, simpatia e real espírito de parceria.

No tema "Modernização e dualismo tecnológico na agricultura" transparece sua inquietação sobre os grandes problemas vinculados à economia rural brasileira.

Era objetivo e simples nas idéias e no modo de apresentá-las, característica que está fazendo falta no extensionismo atual.

*Epagri - Florianópolis.*

# *Legado da inteligência*

*Ruy Miller Paiva foi um grande economista agrícola. Sua obra acadêmica é uma contribuição inestimável para conhecermos melhor o setor agrícola no Brasil.*

**ANTÔNIO SALAZAR P. BRANDÃO**

Os trabalhos mais marcantes de Ruy foram aqueles em que procurou explicar a heterogeneidade tecnológica de nossa agricultura através do mecanismo de autocontrole dos preços. Essas pesquisas permitiram a compreensão da importância do progresso técnico como determinante de uma das características estruturais do setor agrícola: a de que, mesmo em situações de equilíbrio, diferentes tecnologias de produção são adotadas pelos agricultores.

Essas pesquisas foram publicadas no início dos anos 70 na Revista Brasileira de Economia e em Pesquisa e Planejamento Econômico. Já se passaram quase 30 anos e o problema continua bastante atual. O que mudou talvez tenha sido a forma pela qual o processo de difusão é estancado, porém a essência da hipótese de Ruy continua verdadeira.

## O que mudou

Nos dias de hoje os preços têm um papel muito pouco expressivo para explicar o mecanismo de autocontrole. Com o processo de abertura comercial, os preços são determinados fundamentalmente pelas condições do mercado internacional, e não pelas condições domésticas de produção e produtividade.

O mecanismo de autocontrole se desloca para as elevadas relações capital-trabalho da tecnologia moderna, para as imperfeições do mercado de capitais e para o custo do capital de terceiros. Esses elementos efetivamente determinam a capacidade de inovar dos produtores rurais e geram uma separação marcante entre inovadores e não-inovadores. Um dos novos aspectos a considerar é que, ao invés do contínuo tecnológico implícito nas conclusões dos trabalhos de Paiva, existe uma separação discreta bem clara entre os que têm recursos e podem inovar e os que ficam à margem do processo.

A nova dimensão do problema ainda não foi completamente explorada pelos economistas agrícolas no Brasil. Mas certamente teremos que fazê-lo, se quisermos entender como vai se modificar a estrutura do setor agrícola no futuro. E para realizar esta investigação, o ponto de partida estará na análise pioneira de Ruy Miller Paiva.

*Antônio Salazar Brandão é professor do Instituto de Ciências Econômicas e Gestão da Universidade Santa Úrsula e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.*

# *Razão final*

*Um longo convívio, idéias distintas e nenhuma divergência.*

**Silvio Wanick**

O mais gostoso de meu longo convívio com o Ruy foi, talvez, o choque amiúde de nossas idéias, ensejando discussões quase sempre acaloradas mas imunes de mágoas, sem grassar suscetibilidade, numa boa, como hoje se diz. Houvesse vencedor, ele o seria com predomínio, pois os fatos geralmente lhe deram razão final.

Encontramo-nos, com freqüência, ao realizar estudos, por exemplo, no Conselho do Abastecimento da PR (era JK), nos ministérios da Agricultura e do Planejamento, no IBGE e na FGV. Aqui, dentre outros trabalhos, montamos juntos, em 1966 – lá se vão 32 anos! – e até hoje prossegue a investigação nacional de preços rurais e seus conseqüentes índices. Saudade, Ruy. Você passou ao templo dos meus mortos. Sem divergência...

# *O homem e a obra*

*Doutor Ruy, sabedoria e afabilidade de um homem notável.*

**Maria José Cyhlar Monteiro**

Falar de Ruy Miller Paiva é falar de alguém que se destacou em inúmeras atividades no campo da economia agrícola.

Mas há também o Doutor Ruy pessoa humana, alguém que junto da sua sabedoria tinha uma simplicidade e afabilidade notáveis, sempre pronto ao debate e ao convívio amigo. Conheci-o e a sua obra quase ao mesmo tempo.

Pouco depois de entrar para o Centro de Estudos Agrícolas, seus artigos para mim passaram a ser leitura obrigatória. Ele trabalhava numa sala vizinha, onde concluía a publicação de seus "99 sítios e fazendas", escrita em colaboração com Nicols.

Com o correr dos anos, voltei a reencontrar o dr. Ruy em diversos congressos e seminários. E em todas as ocasiões foi sempre o reencontro com o mestre que não se furtava às discussões e mantinha um espírito jovem e curioso.

Saudades, dr. Ruy.

# *Homenagem*

*Um gentleman, cientista criterioso, escritor apurado, orientador emérito. Gente do melhor quilate.*

**Pedro Sisnando Leite**

Saudei com essas palavras o dr. Ruy Miller na homenagem de aniversário que lhe prestaram seus amigos durante a Fifth National Meeting of the Latin American Studies Association na cidade de São Francisco da Califórnia, em novembro de 1974.

Anos depois, dr. Ruy relevou-me que nunca esquecera essa homenagem. Nem seus amigos, pois todos nós amávamos o professor Ruy.

Certamente, o nosso Deus o levou para junto dos seus amigos na morada eterna.

*Chattanooga, Tennessee.*

# *Textos de um outro tempo*

*As marcas deixadas pelo rigor e pela dedicação de um mestre em um tempo de menos facilidades tecnológicas.*

**Antônio Ambrósio Amaro**

Lembraria apenas o extremo rigor com que o dr. Ruy analisava *papers* e relatórios de pesquisa produzidos pelos técnicos do IEA e submetidos à sua elevada apreciação. Quando os textos não estavam suficientemente claros e precisos em suas conclusões e/ou análises de resultados, ele chamava o autor para esclarecimentos, e apontando o dedo indicador em riste perguntava logo: – O senhor escreveu isto, por favor explique melhor.

Quando escrevia um trabalho próprio e ia relendo, corrigindo e acrescentando outros pensamentos era comum puxar setas para o rodapé da página, para os lados, para cima e por vezes, escrevendo com letra miúda em círculos, em toda a folha de papel. Na sua época não havia computador, e os textos tinham que ser batidos à máquina várias vezes. As cópias eram tiradas com papel carbono em papel de seda, até ficarem aceitáveis para divulgação.